

Heróis da Comunidade

unimonte
www.unimonte.br



A ocupação da zona noroeste de Santos começou bem antes da data oficial, que só foi instituída em 1976. Mas pegando como referência apenas os últimos 37 anos, já é possível perceber as mudanças no relevo, na paisagem e, principalmente, em como o próprio santista enxerga essa parte da cidade.

A zona noroeste não é mais sinônimo de pobreza ou precariedade. Agora é o local onde também moram médicos, advogados, jornalistas e políticos. Muitos, nascidos e criados naquela área, construíram uma relação afetiva com o lugar e não quiseram abandoná-lo, negando suas raízes.

Mesmo com todos os pontos a melhorar, a crescer, a zona noroeste é uma parte especial de Santos porque tem características bem particulares. Lá, os vizinhos ainda colocam cadeiras nas calçadas para conversar em noites de verão e se conhecem pelo nome, não pelo número do apartamento.

A maioria das pessoas mora em casas e consegue ver seus filhos e netos correr pelo quintal, aproveitando o balanço amarrado à árvore, tendo a chance de brincar de um jeito mais saudavelmente parecido com o das crianças de antigamente.

Tanto pelas melhorias conquistadas, como pelos bons hábitos mantidos, a vida destas pessoas merece ser contada por se misturar à própria biografia dos bairros que ajudaram a transformar.

As quatorze histórias aqui resumidas representam também a trajetória de todos os outros heróis – ainda anônimos – que lutam para fazer da zona noroeste um lugar melhor para viver ou que, de alguma forma, esforçam-se para proporcionar o bem desinteressadamente.



Prefácio

Os heróis do dia a dia

Todos nós conhecemos heróis. Não aqueles de histórias em quadrinhos ou de filmes, que vestem roupas mágicas ou especiais, mas os que ajudam vizinhos, amigos ou desconhecidos, pura e simplesmente, com o objetivo de fazer o bem ao próximo.

Eles, verdadeiramente, colocam a mão na massa com ações práticas, ajudando quem mais precisa no dia a dia, seja com uma oração para acalmar a alma ou até com itens básicos necessários para a alimentação. Complementam, auxiliam e também dão suporte às ações desenvolvidas pela Prefeitura.

Em Santos, reconhecida como Terra da Caridade, encontramos sempre um exército pronto de voluntários, no qual podemos nos espelhar para aprender e continuar construindo uma Cidade melhor.

O Heróis da Comunidade, programa que nesta etapa apresenta alguns dos heróis da Zona Noroeste, traz um pouco da história de cada um, como foram iniciadas as suas ações e o seu envolvimento com a comunidade.

Esta é uma forma de lançar um olhar diferente sobre as comunidades mais carentes e seus agentes transformadores. Com esta iniciativa, a população vai poder conhecer também um pouco mais do cotidiano de cada uma das comunidades, mostrando o protagonismo dos seus heróis.

Quem ganha é o santista !!!

Os Heróis da Zona Noroeste





Denis Jorge - Alemoa

A garotada toda se aproxima quando ele sai na rua com uma bola na mão. É dessa forma que o professor de educação física Denis Jorge, 31 anos, vai transformando a Alemoa.

Já era assim na Vila São Jorge, em São Vicente, onde ele morou por 30 anos. Há dois anos na zona noroeste, Denis se orgulha de contar o que conquista para a comunidade. “Consegui asfalto”, diz, referindo-se ao trecho da rua ao lado do campinho de futebol. A ação simples facilitou a vida de quem utiliza a via como passagem para a avenida. “O pessoal que vem da favela no fundão da Alemoa não precisa mais dar a volta para pegar ônibus”.

Ele está sempre ouvindo as necessidades e repassando as solicitações; foi assim que conseguiu um poste para melhorar a iluminação do local, o que possibilitou dar aulas de futebol também à noite. “Tudo o pessoal vem me pedir. Me chamam de prefeito, falam que eu preciso resolver a ponte que está caindo. Eu não prometo; faço o que posso”.

Denis procura ajuda para reduzir a quantidade de

mosquitos que surgem com os problemas da maré, que sobe e se acumula atrás das casas, por conta de aterros ilegais. “A gente tenta conscientizar que se a água for embora, não vai ter sujeira. Por isso não pode aterrar”.

A instalação de um contentor de lixo ajudou a limpeza do quarteirão. “Jogavam de tudo ali; deixavam madeira para queimar, sofá velho. Tinha muito rato. Eu briguei, junto com os vizinhos, e conseguimos o contentor. Melhorou muito”.

A preocupação com o ambiente também dá o tom das aulas da escolinha do Professor Denis, Futebol & Cia. O projeto, ele avisa, é esportivo e pedagógico.

Por isso a garotada se envolve no mutirão para limpar o campinho e os arredores. “Fazemos reeducação. Eu pego as garrafinhas com eles e jogamos no lixo. Mostro que isso é bom para eles mesmo”. A limpeza é ainda mais caprichada quando vem equipe de fora, nos sábados em que tem campeonato e a rua fica cheia.

Essa vontade de ajudar a comunidade em que vive se manifestou cedo. Denis lembra que com 14 anos gos-



tava de treinar os meninos da rua, dar aula de futebol. “Montava equipe e levava para jogos nos bairros. Eu era treinador e juiz; nunca perdia”, diverte-se com a lembrança.

A maior alegria, confessa Denis, é ver a transformação que a escolinha de futebol promove na garotada. Ele lembra o caso de uma menina que era dependente química. “Ela achou que seria rejeitada pelo time”. Não aconteceu e a jovem conseguiu forças para sair do vício. O garoto cresceu, mas o sonho continuou. Seu objetivo, agora, é conseguir montar uma escolinha para oferecer atividades com mais frequência no contraturno escolar. “Por enquanto, temos aulas aos sábados, para os meninos, e quarta-feira à noite para as meninas”.

Ele quer ampliar a ação, atingir mais crianças e jovens, montar uma ONG para dar aula não só de futebol, mas promover outras atividades, como aula de violão.

Também sonha em ser treinador e fazer um livro sobre futebol na juventude. As ações são diferentes, mas o objetivo é um: “Quero mudar um pouco o futuro, a qualidade de vida deles. Eu participava de projetos assim na escola, consegui jogar futebol; joguei no time de base do Jabaquara e da Portuguesa e fiz faculdade de Educação Física”.

Denis sabe que a oportunidade de praticar esporte transformou sua vida. Ele agora partilha essa experiência, aproveitando o carinho da garotada para transformar a comunidade.



Dona Eva - Areia Branca

“Só interrompo essa atividade quando morrer.” Com essa afirmação Eva Maria dos Santos Cardoso, 66 anos, demonstra todo seu amor por uma rotina que dura mais de 10 anos: visitar os presídios de Praia Grande e a cadeia feminina de Santos.

Há 33 anos, essa sergipana fincou raízes e constituiu família no bairro da Areia Branca. “Vim por causa do meu marido que já estava na cidade. Não dava mais para ficar longe”, relembra Eva que se adaptou com facilidade ao jeito caiçara de ser.

Confortável em sua cadeira de balanço, alegremente decorada com uma manta colorida, ela fica emocionada ao falar sobre sua atuação nas cadeias e penitenciárias e se diz feliz por ser um “instrumento de Deus” para esse trabalho.

Eva afirma que a imagem que a sociedade faz dos que estão atrás das grades é diferente da realidade. “São seres humanos, como nós, e merecem atenção. Eles erraram, mas se não formos visitá-los, se não receberem tratamento digno a recuperação fica mais difícil”, afirma. Apesar de seu jeito falante, extrovertido, Eva garante

que prefere mesmo é ouvir. “Gosto de escutar, mas às vezes também conto histórias e compartilho com eles o que me toca”, diz.

Com a intenção de estreitar a ligação entre as pessoas confinadas e Deus, as visitas aos presídios são feitas em grupo, mas Eva conta que a quantidade de pessoas já não é a mesma. “No início, mais gente participava das visitas, com o passar do tempo, o número de voluntários diminuiu”.

Alguns têm medo de ir às visitas carcerárias, mas ela afirma que não teme, embora sofra críticas e preconceito. “Já ouvi de conhecidos que os presos não merecem cuidados. Outros amigos ficam preocupados com a minha segurança, em caso de uma rebelião, mas não tenho medo. Se um dia isso acontecer, sei que os presos não me farão mal”, encerra o assunto.

Ao longo dessa trajetória, de levar conforto emocional aos que precisam, Eva já ouviu muitos relatos e, embora eles estejam guardados em sua memória, ela afirma que nunca serão compartilhados, em uma demonstração de como a discrição é importante para ela. “Não é certo falar



o que as pessoas te dizem desabafando”, ensina.

Eva jamais pergunta qual crime cometeram, mas como já existe um vínculo estabelecido entre ela e os presos, é fácil ouvir deles sobre o que fizeram e o quanto se arrependem. Ela revela que, nesse momento, conter as lágrimas é muito difícil. “Inúmeras vezes chorei com eles

e eles comigo”.

A dualidade entre a tristeza de uma prisão e a alegria de levar conforto aos que estão por lá, parece se completar. “Me sinto feliz ao fazer isso. Vou onde quase ninguém quer ir, mas algumas vezes volto para casa triste, lembrando por muito tempo daquilo que ouvi”, emociona-se.



Dona Elzeni - Bom Retiro

No dicionário Aurélio, o verbete “comunidade” quer dizer, entre outras coisas, “qualidade daquilo que é comum; sociedade; comunhão”. O que melhor diferencia um herói de outros cidadãos é a comunhão de suas ações com o próximo. No bairro do Bom Retiro, uma das pessoas que desempenha esse papel é Elzeni Rocha Silva, 50 anos.

Ela não consegue esconder o sorriso quando fala das dezenas de “cestas” que arrecada para as crianças carentes do bairro ao longo do ano e que são distribuídas no Natal. Quanto mais explica como vem mudando para melhor a história de crianças, jovens e adultos da comunidade, mais ela se empolga e parece só frear o entusiasmo quando lhe falta ar para as palavras.

Ao contar sua história, o sorriso é trocado por uma intensa emoção despertada pela lembrança de quando o seu filho foi diagnosticado com Síndrome de Asperger, doença muito parecida com o autismo.

Nessa época, Elzeni era professora de matemática, mas depois do diagnóstico, parou de trabalhar para dedicar-se a seu bem mais valioso: o filho. Assim, o “problema” virou sua maior motivação para fazer bem ao próximo, das mais variadas formas.

A dedicação da ex-professora começou há 12 anos, quando decidiu entrar para o grupo de oração de uma

igreja do bairro. Aos poucos o grupo - hoje chamado de Santa Bakita, em homenagem à santa protetora das pessoas com necessidades especiais – foi mudando, as reuniões passaram a ser realizadas, primeiramente, em sua casa e agora seguem uma espécie de rodízio, acontecendo cada vez na casa de um dos 15 participantes.

Atualmente, o foco dos trabalhos são as cestas de Natal montadas ao longo do ano com a ajuda do Facebook. “Juntamos brinquedos, roupas e outras coisas para dar às crianças necessitadas. Muitas doações chegam por causa da divulgação na internet, mas só conseguimos realizar esse trabalho graças à cooperação das pessoas do bairro. É muito importante um ajudar o outro, assim todos nos ajudamos”, afirma.

Muita gente do bairro costuma recorrer a ela quando precisa e, lisonjeada com a confiança ela retribui trocando todos os presentes de seus dois últimos aniversários por fraldas, que foram doadas a pessoas da comunidade. “Em 2012, um menino de 9 anos, com autismo, ganhou fralda para o ano quase inteiro. Já em 2013, os ganhadores foram famílias do bairro da Alemoa e uma senhora acamada do próprio Bom Retiro”, diz com a alegria sincera de quem gosta de servir.



Cláudia da Cruz - Caneleira

Aos vinte e três anos, Cláudia da Cruz foi morar no morro do Tetéu, no bairro da Caneleira. Na mudança, carregou dois sonhos: a casa própria e montar seu próprio negócio. Uma década depois, a santista, mãe de quatro filhos, realizou seus desejos. É proprietária de uma casa e abriu um salão de beleza na comunidade, onde está há vinte anos.

Mas Cláudia não luta apenas por objetivos pessoais. Ela batalha por melhorias no morro e vai além, ultrapassando as próprias necessidades, realiza um trabalho social com crianças e idosos autistas que moram no morro. “Busco ajuda de empresários para amenizar algumas carências. Tento arrumar fraldas e até alimentos. A situação não é fácil para ninguém, muito menos para quem precisa cuidar um filho ou um pai especial”, relata.

Mas essa história de final feliz, com direito a concretização de objetivos, começou de outra maneira. Em 1993, ela foi uma das primeiras a ver no Tetéu a possibilidade de moradia e, com outras 400 pessoas, subiu o morro

para construir seu sonho.

Gostou tanto do local que decidiu trabalhar por melhorias. O espírito jovem de Cláudia foi favorável. Combativa e participante, organizou um grupo, elaborou projeto de urbanização, atuou junto ao poder público municipal para que casas e ruas recebessem benfeitorias.

Aos poucos, conquistou a confiança da comunidade. Batalhou para que a associação de moradores tivesse sede própria e relembra que um dos momentos mais marcantes dessa trajetória foi a construção da quadra de esportes. “Isso foi algo que me comoveu. As crianças não tinham uma área para brincar e a quadra foi motivo de alegria e orgulho”, relembra.

Sonhadora, Cláudia quer ver o morro inteiro urbanizado e regularizado. “É um longo caminho”, suspira, “mas sou otimista e nunca desisto”, encerra o assunto sem colocar, entretanto, um ponto final no processo de transformação da comunidade que ajudou a formar.



Maria Madalena Nascimento - Castelo

No meio da escuridão, do mato, dos mosquitos atacando impiedosamente, Maria Madalena Nascimento olhava o horizonte e buscava consolo nas luzes que via em São Vicente, sua cidade natal. “O bairro era cheio de lama e poça d’água”, diz, referindo-se ao Castelo.

As lembranças remontam a mais de cinco décadas, quando Maria Madalena mudou-se para o que viria a ser a zona noroeste.

“E foste um difícil começo, afasto o que não conheço. E quem vem de outro sonho feliz de cidade aprende depressa a chamar-te de realidade...”. Essa sensação de precisar encarar o novo que se apresenta com desafios, expressa na letra da música Sampa, de Caetano Veloso, parece comum a muitos desbravadores da zona noroeste.

O difícil começo foi hostil a quem buscava realizar o sonho da casa própria na região, com valor menor do que nas áreas que já apresentavam melhor infraestrutura na cidade.

Foi essa a motivação que levou a família de Maria

Madalena a mudar para a casa de madeira, com porão enlameado, no meio do capim gordura. Às reclamações de Maria Madalena, a mãe avisava: “Mas filha, essa casa vai ser nossa”.

Para sair do aluguel, mudaram para a casa na zona noroeste: Maria Madalena, seus pais, uma irmã, o cunhado e os três sobrinhos. “Não havia quase ninguém perto. A estrada era estreita. Eu perguntava: ‘Como vou morar em um lugar que só tem mato?’”, recorda.

Como não havia água, era preciso buscar no chafariz. Também não havia posto de saúde. Por isso, uma enfermeira que trabalhava na Santa Casa valia ouro no local.

E como quem procura o precioso metal dourado, outros desbravadores da região iam à casa da enfermeira Maria Madalena pedir que ela fizesse um curativo ou desse uma injeção.

“Não tinha pronto-socorro, nada. Como eu era enfermeira, o pessoal procurava. Alguns vinham aqui e eu também ia na casa das pessoas”. Lembra de uma senhora com câncer que ela visitava três vezes por dia. “Quando



ela faleceu, me trouxeram o chinelinho dela”, recorda. Aposentou da enfermagem há 20 anos, mas não deixou de ajudar.

A história de Maria Madalena se funde à da zona noroeste. Ela lembra que nos primeiros tempos não havia casas na rua. “Tinha um morrinho”. Como o caminho até a avenida, onde pegava ônibus, era deserto, o pai a acompanhava. “A gente ficava à exposição dos mosquitos. Como se fosse amazonense”.

Com o passar do tempo, as coisas foram melhorando. A água começou a chegar primeiro em caminhão-pipa. Maria Madalena lembra que o pessoal fazia fila e até brigava para conseguir um pouco.

Um momento de alegria para a comunidade da região foi a descoberta de uma ‘prainha’, onde hoje é o Morro do Ilhéu. “Era o nosso lazer”.

Chegou urbanização, saneamento, asfalto. A casa foi reconstruída, em alvenaria. Maria Madalena se apaixonou tanto pelo bairro que nunca mais saiu.

Unindo o carinho pela região e a devoção religiosa, começou a ajudar, na igreja, a levantar dados históricos, com informações sobre todos os padres que passaram

pelo local. Logo estava fazendo parte do projeto Historiando a zona noroeste, da prefeitura.

Na igreja, ficou responsável pelo empréstimo de cadeiras de rodas, bengalas, andadores. Na falta de espaço na igreja, o material fica na sua casa, onde pessoas de vários locais vão buscar ajuda. “Tem gente que vem dos morros para cá, pegar emprestado. Teve um senhor que veio de longe, de Ilhabela. Levou uma cadeira de rodas e depois devolveu”.

Felicidade, para Maria Madalena, é ver a alegria de quem recupera a saúde com a ajuda dos equipamentos emprestados. “Tem gente que vem só para agradecer”. Tristeza, é ver os “pobres dos mais pobres”, como chama as pessoas que vivem nas ruas. Quando encontra alguém nessa situação, para e conversa. Pergunta o nome, o que levou a pessoa até ali. E tira da carteira o valor que já separa no dia do pagamento só para isso.

Já tirou pessoas da rua, encaminhando para abrigos, ajudando até a recuperar documentos. Com alguns, continua mantendo contato depois que a vida segue. “Eles são muito meigos, carentes e respeitosos. Nunca tive receio deles”. Alegria, garante, é ajudar os mais necessitados.



Abenailde - Chico de Paula

“Partilhar emoções, cuidados e o amor de Deus”. Isso é o que move dona Abenailde Barbosa Dias, viúva, 68 anos, mãe de quatro filhos e avó de três crianças que encontrou no Chico de Paula a oportunidade de trabalhar com os pequenos, através da Pastoral da Criança.

“Sou mãe e avó e ter a oportunidade de ajudar outras mães durante a gestação é, além de um privilégio, uma alegria”, afirma a baiana que há 17 anos vive no Chico de Paula zelando pelas famílias de lá.

Os cuidados têm início na gravidez, com acompanhamento das mães, e prolongam-se até os seis anos de vida da criança. “Assim como minha vida é abençoada, quero ver florir outras vidas”, afirma esperançosa.

Sorri quando conta que sempre quis trabalhar com

crianças. “É por causa do amor de Deus, impossível guardá-lo só para a gente”. Setenta e quatro crianças fazem parte da rotina mensal de visitação de “dona” Abenailde. Não é somente a pesagem dos pequenos que essa simpática vovó cuida. A atenção estende-se a outras áreas. “Se há necessidade de roupas ou alimentação busco resolver também, não tem como deixar de lado”, comenta.

Por mais dedicação que “dona” Abenailde tenha, ela sabe que há situações em que sua interferência é limitada. “Quando queremos ajudar não devemos perguntar certas coisas. Muitas vezes vemos situações difíceis que nos comovem, mas não podemos fazer nada além do que já fazemos”, conforma-se dona Abenailde, numa clara demonstração de que servir ao próximo ultrapassa os limites da curiosidade.



Elias do Gás - Ilhéu Alto

*"Da minha aldeia veio quanto
da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão
grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não, do tamanho da minha altura."*

Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa)

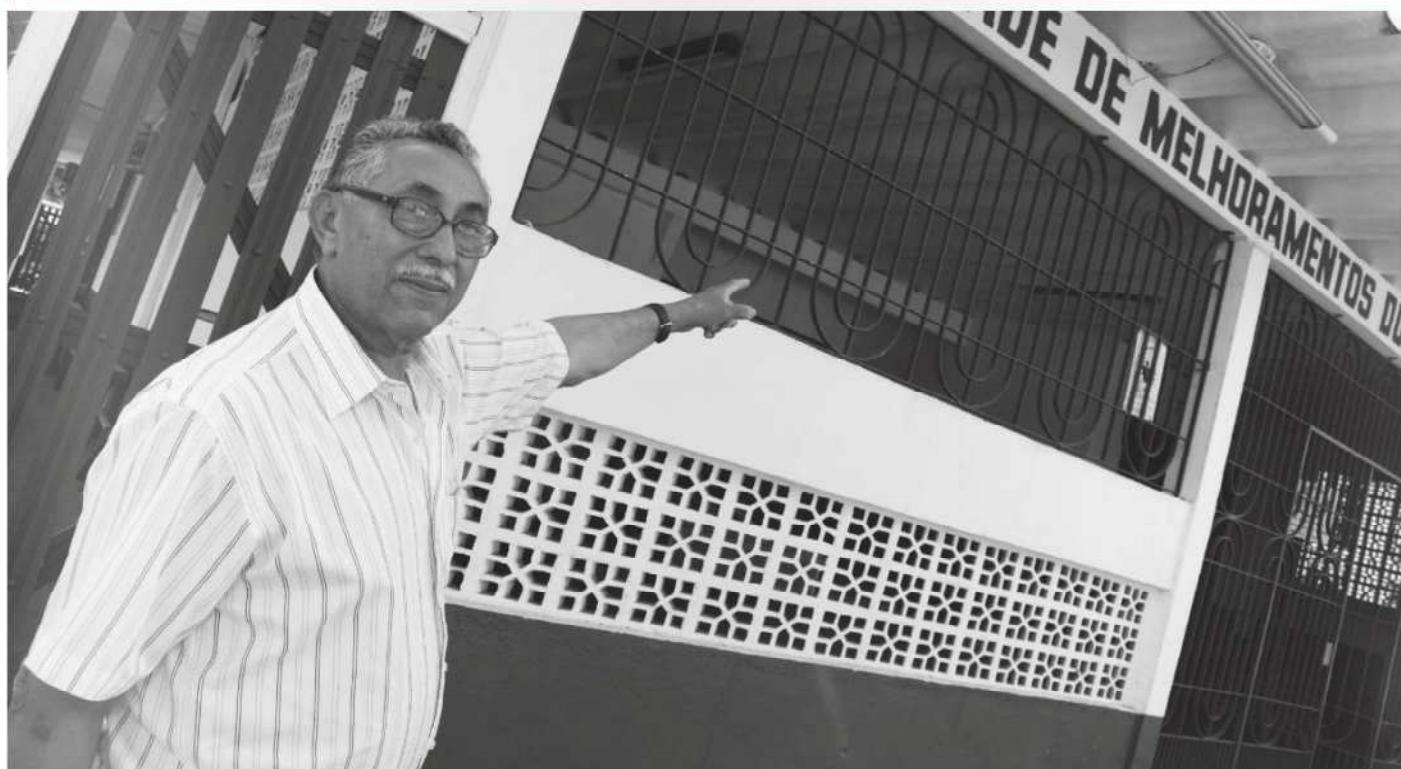
Tem gente que consegue avistar uma luz no fim do túnel e segue essa luz buscando um lugar ao sol. José Elias da Silva, 58 anos, ou Elias do gás, é uma dessas pessoas. Veio para Santos com 26 anos, de Juripiranga, na Paraíba, e depois de morar no Campo Grande e no Morro do São Bento, foi parar em uma casa no lixão da Alemoa, antes de chegar ao Ilhéu Alto, bairro que o conquistou.

"Morei e trabalhei no lixão, mas mesmo quando eu só tinha lixo para ver ao redor da minha casa, via uma vida melhor para mim e para minha família. Hoje, no Ilhéu Alto, além de ter a vida que eu enxergava também vejo parte de Cubatão, Praia Grande e São Vicente da minha janela", brinca o vigia noturno que ganhou o apelido porque tem uma gaiola para venda de gás no bairro.

Mas o "seo" Elias do gás não é conhecido apenas por sua atividade comercial. Desde que se mudou para o bairro, procura melhorar a vida das pessoas de lá, seja lutando por asfalto ou por qualquer outra deficiência coletiva. "Tenho orgulho de dizer que este é o meu bairro porque lutei, junto com outras pessoas, para melhorar as condições de quem vive por aqui. Acho que temos que correr atrás do que a gente 'tá' precisando. Não adianta ficar só esperando pelos outros", declara.

Segundo o vigia, a tranquilidade local é um dos atrativos que o fazem amar o Ilhéu Alto. "Meu bairro é especial, aqui é lugar de gente sossegada. Você chega a qualquer hora da manhã ou da noite sem medo porque as pessoas daqui são de bem", ressalta.

"Seo" Elias afirma que, mesmo assim, alguns não dão valor ao que tem. "Teve gente que conseguiu o apartamento e vendeu, ao invés de ficar e tentar construir uma vida melhor. Fui um dos primeiros a receber a chave do apartamento, tenho uma filha casada que mora no bairro e daqui só saio quando Deus chamar", revela o comerciante que tem o sonho de ver o seu bairro cada vez melhor.



Francisco do Nascimento - Piratininga

“Quando o arame soltava, batia no corpo e arrancava o couro”.

Essa foi uma das primeiras experiências que Francisco do Nascimento, 77 anos, teve em Santos, cidade para onde se mudou em 1955. “Cheguei em 17 de fevereiro”, recorda. No dia seguinte, fez 20 anos.

Veio, como tantos outros jovens, deixando para trás a roça, a enxada e as dificuldades vividas em sua cidade natal, Simão Dias, em Sergipe. “Na época, a ideia do jovem que nascia no interior era vir para São Paulo”.

Instalou-se em uma casa na Rua 7 de Setembro, ao lado do Colégio Santista, e foi trabalhar em uma empresa de laminação, que fazia molas para cama. “Não era muito melhor que a roça”, comenta, lembrando a rotina, vivenciada por dois anos, de colocar o arame bruto em um tanque de cal para deixar do tamanho desejado.

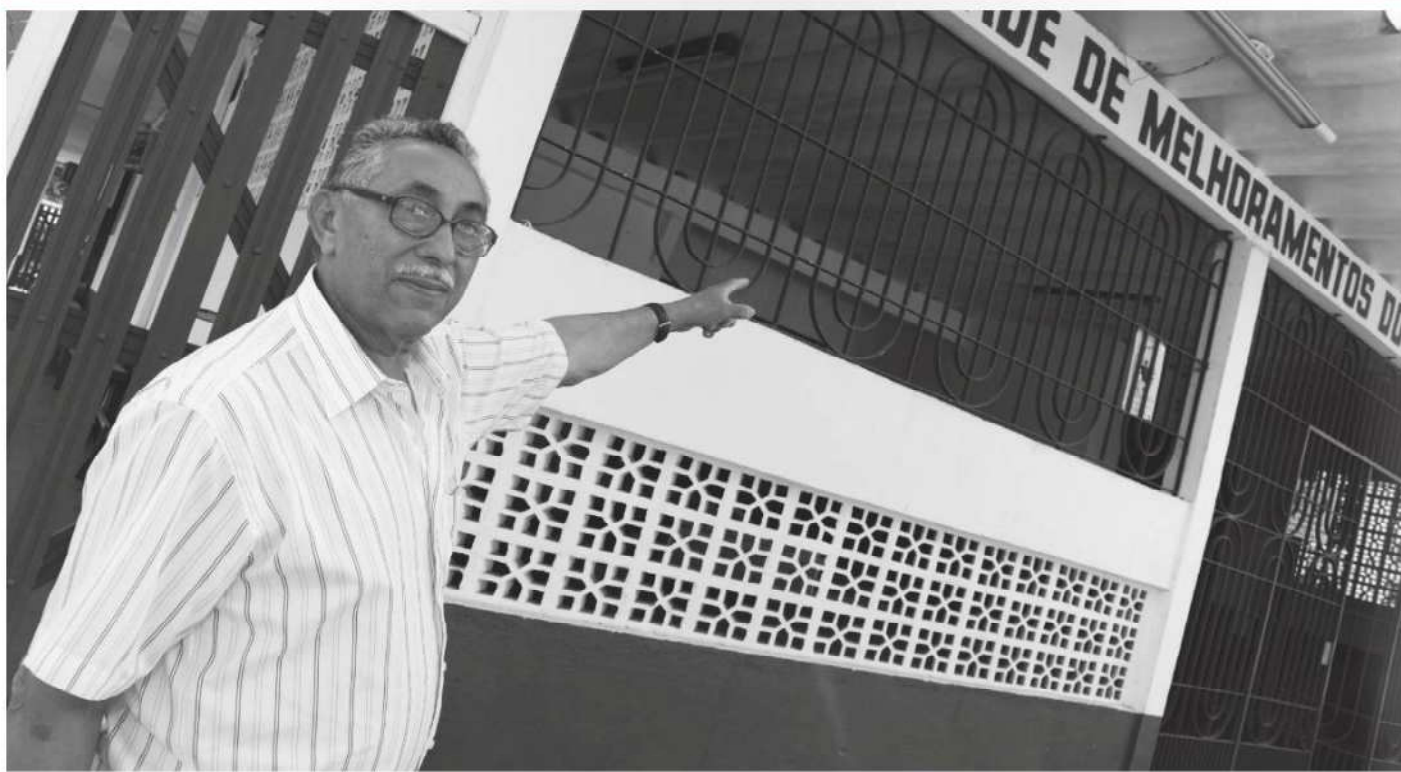
Depois, foi cobrador da Viação Santos - São Vicente - em uma época em que o serviço era muito mais difícil, garante Francisco. “Tinha passagem inteira, meia passagem, dependendo de onde a pessoa ia”. O trabalho era feito andando entre os passageiros, com as fichas na mão.

Chegou então a hora de Francisco realizar o sonho de muitos migrantes: trabalhar nas Docas (Companhia Docas de Santos, então administradora do Porto de Santos). Mas não foi tão fácil como parecia. Precisou participar de uma seleção, espécie de concurso, com ditado e prova com as quatro operações de matemática.

Foi reprovado no peso: precisava ter pelo menos 65 quilos para trabalhar no cais. “Eu era muito magro. Passei um ano comendo banana e leite para engordar”. Francisco ri com as lembranças. “Tinha caboclo que comia uma penca de banana antes de pesar”.

Aprovado em nova seleção, trabalhou um ano e meio com carga e descarga. Em uma crise, em 1960, a empresa dispensou diversos empregados. “Mandaram embora tudo que era solteiro”. Francisco era um deles.

Três meses depois, conseguiu voltar ao trabalho graças a um acordo entre o presidente do sindicato e o dono da companhia, Guilherme Guinle. “O dono bateu carta, passou o chamegão (assinatura)”. Segundo Francisco, até então, quem tinha saído das docas, por qualquer motivo, não voltava.



Em 1961, na festa de Santo Antônio, em 13 de junho, estava em Sergipe. Foi onde conheceu a mulher que seria sua futura esposa, com quem teria dois filhos.

Santos vivia tempos de transformação no final dos anos 1960; novos bairros surgiam em locais distantes, trazendo oportunidade para quem procurava sair do aluguel, como Francisco e a família.

Em um local longe do centro urbano santista surgia um conjunto habitacional, resultado de uma parceria da cooperativa da guarda civil com alguns sindicatos, entre eles o da Estiva, do qual Francisco fazia parte. Ele se mudou para lá em agosto de 1970, testemunhando o nascimento do Piratininga.

Nos anos seguintes foi criada a sociedade de melhoramentos do bairro, que não sobreviveu a essa primeira tentativa.

Francisco lembra que nos idos de 1975, 1976 um grupo resolveu retomar a entidade. Ele foi chamado e começou a luta para erguer a sede da sociedade, da qual é presidente. "Construímos a sede com dinheiro da cantina".

Nesses quase 40 anos, Francisco assumiu não só a presidência, mas a responsabilidade de representar a comunidade em várias questões, lutando pelos problemas do bairro.

Ele conta que a batalha não foi fácil. "Todo problema a gente se encarrega de levar para as autoridades. Se não resolve, o pessoal reclama. O caboclo que é presidente de sociedade de melhoramentos sofre. Não ganha e faz das tripas coração".

Apesar dos obstáculos, garante que valeu a pena a dedicação para ajudar a formar o bairro que viu nascer.



Tia Nilda - Rádio Clube/Dique

“Gosto de trabalhar com crianças e idosos porque eles são o começo e o fim. Acho que ninguém deveria passar necessidade nessas fases da vida, então faço o que posso por eles.”

Foi esse pensamento que fez a dona Elenilda Davino de Jesus, 56 anos, começar aos 22 um trabalho digno de uma heroína. Como todo super-herói muda a identidade, acabou virando a Tia Nilda para a comunidade do Rádio Clube, especialmente no Dique da Vila Gilda.

Hoje com 50 crianças de 1 a 5 anos em sua creche e se esforçando para construir uma segunda unidade, ela lembra de quando viu pela primeira vez uma palafita e de como isso despertou sua vontade de ajudar. “Quando eu tinha 13 anos vi aquelas crianças brincando nas tábuas entre as casas, com esgoto caindo, sujeira por todo lado e os caranguejos ‘perigando’ beliscar. Naquele dia pensei que precisava fazer alguma coisa”.

E ela realmente fez. Não se passaram nem dez anos e a menina cresceu, casou e foi morar no bairro que tanto a impressionara quando chegou a Santos com os pais. “Na minha terra não tem palafita, nunca tinha visto nada parecido”, conta a alagoana de Igreja Nova que, depois de

instalada no Dique, colocou dentro da própria casa crianças que ficavam sozinhas quando os pais saíam para trabalhar.

Nem as obrigações do casamento ou da maternidade a fizeram desistir de amparar aos que tinham menos. “Meu marido hoje me apoia, mas no começo não entendia porque eu gastava meu tempo com a creche. Cheguei a escutar de meus meninos que meus filhos de verdade eram os da creche. Era doído, mas graças a Deus isso passou e hoje um dos meus filhos é nosso voluntário”.

Em 1987, tia Nilda conseguiu autorização para montar sua creche em uma palafita, lugar que possibilitou que ela exercesse sua vocação: cuidar de gente. “É de criança suja, descalça e com pouco recurso que eu gosto de cuidar, de trazer para minha creche. São elas que precisam de mim”, diz.

A instituição passou por três palafitas antes da sede atual, em terra firme, no chão de alvenaria que conquistou e agora tem chance de ampliar. “Já começamos a subir a estrutura da outra unidade, teremos lugar para mais 60 crianças”, comenta com sorriso largo e ansioso.

Se durante o dia a creche ocupa suas horas, à noite



ela divide seu tempo entre a família e os idosos que visita uma vez por semana. “Acompanho o grupo de um médico que cuida deles. Vejo do que estão precisando com mais urgência e tento ajudar com roupas, remédios, fraldas e até comida”.

O trabalho realizado na creche e com os idosos a tornou conhecida e muitos recorrem a ela em emergências, o

que é frequente por lá, mas Tia Nilda conta que, como mantém a instituição apenas com doações, não pode socorrer tanto quanto gostaria.

“As pessoas vêm aqui pedir um pouco de leite ou fubá porque não tem comida. Quando posso ajudar, ajudo, quando não posso, choro, mas sempre tenho a esperança de poder fazer mais da próxima vez”.



Ana Bernarda - Saboó/Vila Pantanal

*"Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre [...]"*

Maria, Maria
Milton Nascimento e Fernando Brant

É assim, ao melhor estilo Maria, Maria, que a mineira Ana Bernarda dos Santos, 53 anos, leva sua vida. Na busca por força para conquistar objetivos pessoais ou coletivos, ela se tornou símbolo de luta em favor dos moradores da Vila Pantanal, uma comunidade carente no bairro Saboó.

Por conta de um desses caminhos da vida, que nos leva aonde somos necessários, em 1991, Ana Bernarda comprou um barraco de 4x4 na Vila Pantanal e – perseguindo o sonho da casa própria – foi morar por lá com o marido, quando o segundo filho tinha apenas uma semana de vida e o mais velho, 3 anos.

Sem água, luz, esgoto tratado ou dinheiro farto, ela viu as próprias necessidades espelhadas na vida das pessoas que também moravam no local e como não é de esperar “sentada” pelas oportunidades, saiu em busca

de meios para diminuir aquelas carências. “Além de correr atrás de condições dignas para morar, eu procurava saber onde doavam cestas básicas e avisava todo mundo, só dependia da pessoa aproveitar a chance”, relembra.

Ana conta que ao descobrir um novo programa de auxílio ou curso gratuito logo espalhava a notícia, porque tinha a certeza de que precisava crescer, mas não queria fazer isso sozinha. “Posso recauchutar minha casa e não ter necessidade de ver mais nada fora do meu muro, muita gente faz isso, mas não consigo. Sei que tem gente precisando do jeito que eu já precisei”, desabafa. Com essa disposição, conseguiu ajudar muitos na Vila Pantanal. Arrumou emprego, alimento, consulta médica, tratamento para quem se perdeu nas drogas e ouviu choro, deu conselhos, virando uma espécie de mãe comunitária.

E como toda mãe de verdade, que acolhe, mas também educa, dá lições de sensatez a quem a procura mesmo sem saber do que precisa. “Tem gente que consegue doação das coisas e quando para de precisar quer vender o que sobrou. Eu tento falar para não vender o que veio de graça, mas o coração de algumas pessoas



é para o comércio e quando é desse jeito, não tem conversa que mude isso.”

Foi assim, entre a ocupação com questões da comunidade, suas atividades como margarida e a vida de dona de casa - com marido e seis filhos - que uma doença atacou seu sistema nervoso central, em 2010. Mas a paralisia do corpo não afetou sua mente ou o senso de dever e, acostumada a ser uma dessas pessoas a quem se recorre na hora da necessidade, não deixou de traba-

lhar, reuniu as forças que podia para continuar atendendo a quem batia em sua porta procurando ajuda.

“Os pedidos eram muitos, e não é porque eu ‘tava’ doente que as pessoas iam parar de precisar, então, resolvi ver o que conseguia fazer, mesmo sem poder sair da cama”, conta a mineira que hoje, três anos depois, anda com dificuldade, mas se recupera e espera poder continuar o trabalho na sua comunidade com cada vez mais força, raça e gana, bem como diz a música.



Pedro - Santa Maria

A satisfação de sentir-se útil sem esperar qualquer recompensa. Assim é o trabalho “extra” realizado pelo representante comercial Pedro José Sobral, 73 anos, que desde 1995 visita pessoas com limitações físicas que estão impossibilitadas de ir a celebrações religiosas.

Verdadeiro exemplo de dedicação no bairro Santa Maria, onde mora há 18 anos, ele faz parte de um grupo, com 26 integrantes, cuja missão é levar a “palavra de Deus” a casa de quem, pelo peso da idade ou por problemas de saúde, se vê afastado do amparo oferecido pela religião.

Pedro acredita que é preciso auxiliar a quem está debili-

tado e ir aos com mais necessidade de apoio espiritual. “Vamos aos lares com a intenção de oferecer conforto para que essas pessoas possam enfrentar os problemas com mais tranquilidade”, afirma.

A atuação voluntária não envaidece Pedro, que lembra a importância do trabalho em equipe e do voluntariado citando o papa Francisco, em recente visita ao país. “Como falou o papa, muitos acabam adorando o dinheiro, quando na verdade o mais importante é se dedicar sem esperar nenhum ganho maior que o de ajudar o próximo”, sentencia, completando que “a entrega é gratificante por conta da satisfação de ver feliz aquele que é atendido”.



Maria Gorete - São Jorge

“Não ter onde morar separa as famílias”. Essa opinião não está baseada em pesquisas, mas na experiência de quem foi entregue a outra família por não ter uma casa para viver sem a pesada despesa do aluguel. Maria Gorete de Souza Gomes, 48 anos, passou por isso bem antes de constituir sua própria família e se instalar no Conjunto Habitacional Estivadores, no São Jorge, bairro onde mobiliza as pessoas em prol de moradia.

Ela formou-se em Ciências Contábeis e, há 17 anos, fundou a Associação de Morádias, quando decidiu dedicar-se à árdua tarefa de ajudar pessoas a concretizarem o sonho da casa própria.

A paixão por essa causa vem de sua história. De família pobre, sem condição de custear nem mesmo os estudos dos quatro filhos, viu o pai entregá-la a outra família, em atitude desesperada para livrar a todos de privações maiores.

Aos cinco anos de idade, Gorete deixou a companhia dos seus, mudou de bairro e, sem entender direito o que se passava, encontrou na falta de moradia o motivo para a dolorosa separação.

Quarenta e quatro anos se passaram e ela ainda não conquistou a sonhada casa própria, mas sabe que tem gente em situação pior. “Moro na casa da minha mãe com meu marido e minha filha, mas tenho um teto, enquanto existem pessoas dormindo nas ruas”, pondera.

Com a desenvoltura de quem senta à mesa de reuniões com prefeitos, deputados e promotores, Gorete lembra-se de quando iniciou sua atuação no “Estivadores” e, a partir daí, criou um movimento dentro do conjunto habitacional em busca de soluções. “Pelo que já aconteceu na minha vida, sei que essa é a minha missão”, afirma.

A contadora já ajudou a entregar 61 morádias em outros bairros. Ela orienta as pessoas a respeito da documentação, faz reuniões com os inscritos em programas habitacionais, promove abaixo-assinado e acompanha do momento do sorteio dos nomes até a entrega das chaves.

Em quase duas décadas, Gorete já vivenciou muitas histórias emocionantes, como a de Marília, mãe de três filhos e com câncer em estado terminal a espera de um local “seu” para viver. “Procurei saber se havia cotas para pessoas no estado de saúde dela, mas não havia. Ainda me lembro da



Marília falando que antes de morrer precisava saber que os filhos teriam onde morar”, emociona-se.

Embora o final desta história não seja perfeito, com uma cura milagrosa de Marília, o desejo de deixar uma casa para os filhos se realizou no mesmo dia em que ela não resistiu

à doença. “Foi um milagre”, conta Gorete, em uma pausa para enxugar as lágrimas. “Houve uma comoção geral quando, logo depois de recebermos a notícia de sua morte, ouvimos o nome dela ser sorteado”, recorda. “Não troco minha atuação por nada. Essa é a minha missão e jamais me sinto cansada ou com a intenção de desistir”, sentencia.



“Seo” Arnaldo - São Manoel

Acordar cedo não é para todo mundo. Fazer isso antes das 5 da manhã para recolher pães que serão doados para os outros é, realmente, para poucos e bons.

Pelo menos em dois dias da semana, a rotina do aposentado Arnaldo Silva Pereira, 69 anos, que mora há 39 no São Manoel, é essa: 4h30 da manhã, com o céu ainda escuro e as estrelas acordadas ele levanta, faz uma oração agradecendo por sua família e pelos parceiros que o ajudam a cumprir uma tarefa que começou em 1982, quando, segundo ele mesmo, decidiu deixar de olhar a própria dor e começou a perceber que poderia aliviar um pouco o sofrimento alheio.

“Quando cheguei aqui, o São Manoel não tinha asfalto, condução e o esgoto era a céu aberto. Eu via isso e não negava ajuda, mas ainda não entendia direito o que precisava fazer. Vivia com problemas de saúde e não conseguia enxergar o meu próximo como devia”, relembra.

O que transformou o “seo” Arnaldo de preocupado com a própria saúde no “homem do pão”, que se desdobra para ajudar as pessoas, foi um sonho. “Alguém me disse: ‘levanta da cama e vai fazer o que você tem que fazer’, obedeci”, conta o aposentado com simplicidade.

Ele virou voluntário em uma instituição religiosa que distribui refeições e, a partir disso, enxergou no desperdício que havia nos comércios uma oportunidade para servir de ponte entre os que jogavam fora e os que não tinham para comer. “Eu ajudava o pessoal a pegar as doações de comida, via o quanto ainda ia para o lixo nas padarias e pensava nas pessoas aqui do bairro, precisando de um pão sem ter dinheiro para comprar”.

Começou então a recolher, com carros emprestados pelos vizinhos, pães nas padarias, verduras e legumes em sacolões e feiras para distribuir na porta da própria casa. “Às vezes eu saía para ir buscar os pães às 4h30 da manhã e já tinha gente na minha porta me esperando voltar. Dependendo do carro, demorava mais ou menos. Um dia cheguei a usar um Gordini que não tinha assoalho para pegar as doações”, comenta bem-humorado.

Durante 20 anos, fez de forma solitária o trabalho que atualmente conta com ajuda de companheiros de fé que emprestam as mãos para o serviço e o bolso com generosidade. “Hoje pessoas caridosas me ajudam e a gente entrega cerca de mil pães na quarta e três mil no domingo, fora os alimentos que levamos para a Vila dos Criadores, para alguns bairros de Cubatão e na reserva indígena de



Peruíbe. São mais de 100 famílias cadastradas, mas só conseguimos isso porque agora temos um carro, doado por um empresário que faz questão de não aparecer.”

Ao definir a própria caminhada “seo” Arnaldo usa a frase

que escutou de um amigo e que acredita ser o retrato de sua história. “Fui procurar a mim e não encontrei, procurei a Deus e também não encontrei, mas quando fui procurar ao próximo, encontrei os três. Foi assim que aconteceu comigo”.



Antônio Peres - Vila Haddad

Décadas de luta, muitas conquistas e a certeza de que ainda há muito a se buscar. Estas convicções norteiam a vida de Antônio Peres, o ex-motorista de ônibus escolar que dedicou mais da metade de sua vida a buscar melhorias para a Vila Haddad.

Hoje com 72 anos, ele recorda que chegou ao local em 1967, bem antes do asfalto. “Demorou quase 20 anos para o asfalto chegar aqui. Só em 1982 um prefeito ouviu a nossa Sociedade de Melhoramentos”, afirma.

Sua memória se volta para alguns progressos obtidos graças às lutas ao lado de parceiros de conquistas. “Nos últimos anos tivemos a inauguração de uma escola e a urbanização de uma praça”, comenta.

Depois de 46 anos no local, o ex-presidente do conselho da sociedade de melhoramentos ensina que há sempre algo a ser melhorado. “A comunidade precisa entender que uma andorinha só não faz verão. Tem que ser unido e falar, falar mesmo, para ter nossos direitos garantidos”, encoraja Peres, ciente de que o respaldo dos demais moradores é algo raro.

O que o Peres mais lamenta é ver algumas pessoas destruindo o que ele ajudou a construir. “No começo não tínhamos nada. Agora temos farmácia, mercados, UBS, creche, colégio... Mas tem gente que estraga as coisas sem saber o quanto foi difícil conseguir. Eles não cuidam direito do que é de todos, nem dão valor para o próprio bairro em que vivem”.

Paulo Alexandre Barbosa
Prefeito de Santos

Rivaldo Santos de Almeida Júnior
Secretário de Comunicação e Resultados

Realização
Prefeitura de Santos
Unimonte
TV Tribuna

Textos
Dennys Marcel
Franciny Oliveira
Renato Pirauá
Vera Haddad Resende
Viviane Pereira

Fotografias
Isabela Carrari
Marcelo Martins
Raimundo Rosa
Tadeu Nascimento

Produção Gráfica
Departamento de Marketing e Artes
Coordenadoria de Internet

